

A convivência com a recessão

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) divulgou estudo constatando uma considerável queda da produção, com os níveis de ociosidade iguais aos registrados na recessão de 1983. Em novembro do ano passado, a ocupação média do parque industrial ficou em 74,6%, abaixo dos índices registrados no mesmo mês de 1981 (77,1%), e muito próximo dos 73,4% de novembro de 1983.

A Fiesp recomenda que o governo adote medidas para o reaquecimento gradual da atividade econômica, pois, aumentando a produção, a indústria poderá admitir os empregados hoje dispensados. E essas dispensas, acrescenta, além de onerosas e socialmente dolorosas, reduzem ainda mais o mercado consumidor.

Pelo raciocínio dos técnicos da Fiesp estaríamos diante de um círculo vicioso de menor produção/menos emprego/menos salário/menos consumo e, consequentemente, menos produção e menos emprego, novamente. Mas o quadro não é bem esse.

Ninguém pode negar que vivemos em 1991 um ano de recessão que se prorroga nos primeiros meses deste ano. E o

preço que estamos pagando para conter a inflação e pôr em ordem uma economia que vinha crescendo apenas pela adoção de medidas e a injeção de recursos inflacionários.

Não podemos, porém, fazer comparações entre 1981 e 1983 com 1991. São crises que encontraram o setor produtivo em situações diferentes. Naqueles anos, as empresas estavam descapitalizadas e vivíamos num período de total sufoco cambial.

Os mercados externos também eram mais restritos. A crise de 1991 veio encontrar o empresariado mais capitalizado, pois ela se seguiu a um período de inflações altíssimas e grande giro de recursos e ganhos no mercado financeiro.

Mesmo com o bloqueio, uma parte considerável desses recursos voltou ao mercado ou está voltando agora. O que houve foi um convívio excessivamente longo com a inflação, gerando lucros que desaparecem numa fase de contenção inflacionária e recessão.

Mais ainda: neste período, os erros cometidos pelas empresas são logo punidos. Não mais são sancionados por uma inflação alta que mantém artifi-

cialmente os lucros. Agora, mais do que nunca, é necessário eficiência para conviver com a crise. Acabaram-se aqueles tempos paradoxalmente mais fáceis de inflação alta convalidando a ineficiência.

Hoje, estamos começando a sair da crise, embora muito ainda seja preciso fazer. Há um extenso caminho a trilhar. Mas a retomada do crescimento deve vir naturalmente, com o fortalecimento de alguns setores, como a agricultura e o mercado externo, o que já está sendo feito pelo governo.

A indústria tem hoje mais facilidade e taxas cambiais condizentes para exportar. O dinheiro investido na safra agrícola logo retornará ao mercado sob a forma de produção, irrigando a economia do interior para as grandes cidades.

E a indústria, hoje com capacidade ociosa, poderá retomar a produção sem forçar os preços.

Na verdade, muito pode ainda ser feito pelo setor privado para continuar convivendo com a recessão que existe, sim, não há dúvida alguma, mas ela não tem as proporções que se lhe pretende dar.